

A SUBJETIVIDADE LEITORA EM CONTEXTO DE PANDEMIA: UMA LEITURA DO CONTO “A MÁSCARA DA MORTE RUBRA”, DE EDGAR ALLAN POE

Hellen Jacqueline Ferreira de Souza Dantas de Aguiar¹

Danillo Pablo de Sales²

Girlene Marques Formiga³

Francilda Araújo Inácio⁴

RESUMO

O conto "A Máscara da Morte Rubra", de Edgar Allan Poe, originalmente publicado em 1842 no livro *Historias Extraordinárias*, relata, através de seu narrador onisciente, uma história de horror, que inspirou, mais tarde, versões cinematográficas e dramáticas. Tal conto constitui-se foco de análise do presente estudo, a partir da proposta de leitura respaldada teoricamente por estudiosos como Jouve (2002), Rouxel *et al* (2013), Rouxel (2018), que, de um modo geral, defendem a importância da subjetividade do leitor como elemento preponderante no processo de leitura. Metodologicamente, optamos pela investigação de natureza analítico-interpretativa por ser adequada à análise da proposta, valendo-nos, para isso, de leituras e análises do texto literário selecionado, de fontes bibliográficas e de registros de experiências voltados a propostas de abordagens metodológicas de práticas de leitura, mais especificamente a do Diário de Leitura, em que a subjetividade do leitor assume papel preponderante. Ressaltamos que este trabalho reflete os esforços de dar continuidade a estudos acerca de metodologias de abordagem do texto literário em sala de aula, voltados à Educação básica. Como resultado, esperamos alargar os horizontes de aplicação/experimentação de abordagens do texto literário em sala de aula do Ensino médio, com vistas à potencialização do trabalho de formação literária na escola.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Leitura literária, Subjetividade, Diário de leitura.

INTRODUÇÃO

Profeta! exclamo. ‘Ó ser do Mal. Profeta sempre, ave infernal! Pelo alto do céu, por esse Deus que adoram todos os mortais, fala se esta alma, sob o guante atroz da dor, no Éden distante (...).

O corvo, [1845]

¹ Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, hellenjfs10@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, p.danillo@yahoo.com;

³ Professora titular do Instituto Federal da Paraíba, com atuação no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica e na Licenciatura em Letras – IFPB, gformiga@uol.com.br;

⁴ Professora orientadora: Professora Doutora no Curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, araujo.francilda@gmail.com.

A obra *Histórias Extraordinárias* reúne alguns contos de Edgar Allan Poe, escritor que domina com certa naturalidade temas polêmicos, muitas vezes rejeitados por se tratarem de incesto, loucura, crueldade, dentre outros, segundo García *et al* (2019). Além de “A Máscara da Morte Rubra” (1842), compõem o livro os contos "Ligeia" (1838), "Pequena palestra com uma múmia" (1845), "A carta roubada" (1844), "O gato preto" (1843), "O sistema do doutor Alcatrão e do professor Pena" (1845), "O barril de Amontillado" (1846), "O poço e o pêndulo" (1842), "Berenice" (1835), "Sombra – uma parábola" (1835), "O diabo no campanário" (1839), "A queda da casa de Usher" (1839), "O caixão quadrangular" (1844), "O escaravelho de ouro" (1843), "O coração delator" (1843), "William Wilson" (1834), "O retrato ovalado" (1842) e "O homem da multidão" (1840), proporcionados acima na sequência em que se apresentam em uma das versões do livro.

Edgar Allan Poe, filho de atores de teatro itinerante, nasceu em Boston e perdeu o pai já em sua primeira infância, ficando ele, a mãe, grávida, e mais dois irmãos, porém, após dois anos, a mãe também morre, então, ele e irmãos ficam sob os cuidados da companhia de teatro na qual a mãe trabalhava. Após isso, as crianças presenciaram um incêndio no Teatro Richmond, local em que residiam, fato este que separa os irmãos. (Perna e Laitano, 2009). Ele é adotado por agricultores e recebe o nome pelo qual se torna conhecido, conforme pontuam Perna e Laitano (2009), "Ao ser adotada, a criança recebe o nome pelo qual será mundialmente conhecido e reconhecido: Edgar Allan Poe; Edgar Poe (nome de batismo) e Allan (nome da família adotiva)".

Ingressa na Universidade da Virginia e, inicialmente, corresponde às expectativas do pai, mas, entrega-se a vícios e sua vida toma outros rumos, embora venha a se tornar escritor mais tarde. Seu primeiro trabalho de visibilidade foi quando ganhou um concurso literário com o conto “Manuscrito encontrado numa garrafa”. Desse ponto em diante, escreve poemas e críticas literárias, porém, tem sucessivas depressões e tentativas de suicídio.

No ano de 1839, Poe publica *Contos do grotesco e arabesco*, em seguida, sem se identificar como autor, publica *Espelho da Noite* em Nova Iorque, além de seu poema *O Corvo*. Poe começa a ter visibilidade novamente depois de várias crises e violências passadas pelos Estados Unidos, mas perde a esposa em 1847, sua vida, mais uma vez, é tomada por vícios, alucinações e mulheres. Sua morte, por fim, rebenta com a mesma miséria que o assolou por toda sua vida.

Como afirmam Perna e Laitano (2009, p. 10):

Edgar Allan Poe foi uma alma perturbada, principalmente por ele mesmo, que teria dito, ao falar sobre seus textos, que o terror presente em suas histórias não seria fruto da sociedade a qual pertencia, mas sim de sua obscuridade interior, de seus medos e aflições, ou seja, das inquietações de um homem atormentado. No entanto, seja por ter dado voz aos seus sentimentos mais profundos, ou por ter vivido em uma época que não o compreendeu, produziu contos, poemas e ensaios que fascinam leitores e o consagraram como um Clássico da literatura universal.

Dentro desse rico universo da obra de Allan Poe, o presente trabalho propõe-se a apresentar uma proposta de abordagem – mediada por um Diário de Leitura – de um dos seus mais representativos contos: “A Máscara da Morte Rubra”, publicado em 1842, em Histórias Extraordinárias, conforme já pontuamos anteriormente. A seleção do texto considerou, sobretudo, a temática tão dramaticamente vivenciada pelo mundo atualmente: uma pandemia, descrita num ambiente de medo e morte. Esse texto reflete emblematicamente uma realidade drástica vivida realmente por cada um de nós neste ano de 2020 e, exatamente por isto, tende a constituir-se uma oportuna alternativa para discussões, análises e, ainda, como um espaço para a expressão dos estudantes diante de uma situação-limite como a abordada no conto em questão e, infelizmente, experienciada por todos nós.

Para tanto, recorreremos a alguns preceitos teóricos discutidos por teóricos como Jouve (2002), Rouxel *et al* (2013), Rouxel (2018), que se debruçam sobre o tema Leitura, considerando a premissa de que o leitor é parte constitutiva fundamental no processo de Leitura.

METODOLOGIA

Metodologicamente, optamos pela investigação de natureza analítico-interpretativa por ser adequada à análise da proposta, valendo-nos, para isso, de leituras e análises do texto literário selecionado, de fontes bibliográficas e de registros de experiências voltados a propostas de abordagens metodológicas de práticas de leitura, mais especificamente a do Diário de Leitura, em que a subjetividade do leitor assume papel preponderante.

O suspense genial de Allan Poe

Entre os contos de Poe, observamos aqui mais detidamente “A Máscara da Morte Rubra”, que se apresenta a partir de duas perspectivas: a representação do próprio baile (baile de máscaras) e a tentativa de enganar – por meio da máscara – a morte que assolava aquela

região, por meio de uma peste. A Morte rubra, referenciada no título nos afigura como uma representação do sangue derramado com a morte das vítimas da peste.

Por muito que a “Morte Vermelha” devastara o país. Jamais pestilência alguma fora tão mortífera ou tão terrível. O sangue era o seu avatar e seu sinal – a vermelhidão e o horror do sangue. Surgia com dores agudas, súbitas vertigens; depois, vinha profusa sangueira pelos poros e a decomposição. As manchas vermelhas, em particular, no rosto da vítima, estigmatizam-na, isolando-a da compaixão e da solidariedade de seus semelhantes. A irrupção, o progresso e o desenlace da moléstia eram coisa de apenas meia hora. (POE, 2017, p. 149).

“A Máscara da Morte Rubra”, assim como os outros contos que compõem a obra *Histórias Extraordinárias*, apresenta-nos um caso de suspense: relata um evento, precisamente uma festa, realizada por um nobre, chamado o Príncipe Próspero, em uma abadia isolada, para mil convidados de sua corte, durante um surto de uma doença contagiosa que devastava o reino. A abadia acastelada, um edifício imponente e com portões de ferro, aparentemente, muito segura, estava completamente vedada para que a terrível peste não os atingisse.

Uma vez lá dentro, os cortesãos, com auxílio de forjas e pesados e pesados martelos, rebitaram os ferrolhos, a fim de cortar todos os meios de ingresso ao desespero dos de fora, e de escape, ao frenesi dos de dentro. O mundo externo que se arranjasse (POE, 2017, p. 149).

Observa-se certa concentração do narrador nos detalhes e na descrição do ambiente, como podemos constatar no trecho a seguir:

Era este um edifício vasto e magnífico, criação do gosto excêntrico, posto que majestoso, do próprio príncipe. Forte e alta muralha, com portões de ferro, cercava-o por todos os lados (POE, 2017, p. 149).

O Príncipe aparece como personagem central, mas a ênfase é deslocada para a tensão provocada pelo medo diante da morte, ou seja, para uma dimensão psíquica e limítrofe da natureza humana. O enfoque é mais contido e denso no que se refere a frágil relação entre o homem e o seu domínio sobre a vida sob uma ótica subjetiva – que se mostraria através da sua vã luta contra a morte e vulnerabilidade diante da vida.

O conto retrata a perturbação de um narrador que critica de forma ácida a alta sociedade detentora de todo o poder. Uma característica bem peculiar deste conto é o pouco investimento do autor na descrição dos personagens, o que nos faz levantar um

questionamento a respeito de uma possível intenção de demonstrar a superficialidade dos seres humanos, da sua falta de profundidade de sentimentos e, especialmente, de sua própria humanidade.

O Príncipe, uma autoridade, ao invés de se compadecer e proteger o seu povo assolado por uma praga descrita logo no início do conto, resolve encastelar-se com seus convidados e servos, dentre eles artistas, músicos e comediantes, cuja função seria a de entreter os hóspedes e oferecer-lhes uma festa.

Quando os seus domínios começaram a despovoar-se, chamou à sua presença, um milheiro de amigos sadios e frívolos, escolhidos entre os fidalgos, e com eles se encerrou numa de suas abadias fortificadas (POE, 2017, p. 149).

Tudo corre bem até o momento em que se percebe um invasor, uma figura misteriosa, mascarada, personificada na própria Morte rubra, como podemos perceber a seguir:

E antes que se esvanecesse o eco da última badalada, muitos dos convivas puderam perceber a presença de um novo mascarado, que, até então, não traía as atenções. Entre murmúrios, propagou-se a notícia da nova presença, elevou-se da companhia um zum-zum, um rumor de desaprovação e surpresa, a princípio; de terror, de horror e de náuseas, depois. Numa assembleia de fantasmas, como a que descrevi, era de supor que tal agitação não seria causada por aparição vulgar. Na realidade, a licença carnavalesca da noite fora praticamente ilimitada, mas o novo mascarado excedia em extravagância ao próprio Herodes; ultrapassava, inclusive, os indecisos limites de decoro impostos pelo príncipe (POE, 2017, p. 152-153).

Como já mencionamos, o Conto de Poe aborda uma situação epidêmica, uma doença que assola a população de uma dada região regida por um príncipe intrépido e audaz, que se resguarda em um castelo juntamente com outras pessoas de sua escolha. A peste retratada neste conto era arrasadora: matava em trinta minutos e alastrava pavor. Após um período de cerca de seis meses de clausura, o nobre resolveu fazer um baile de máscaras com todo o requinte possível e com toda excentricidade e volúpia que estivesse à sua disposição. Aos resguardados na abadia foram providenciados bons alimentos, entretenimento e luxos como meios para “driblar” o contágio. Em contraposição à desgraça vivenciada pela população preterida pelo príncipe, A abadia apresenta-se em total opulência, sob uma ornamentação tão excêntrica quanto o príncipe. A disposição imperial figurava sob grande extravagância: as salas detinham efeitos variados e cada uma tinha uma cor que poderia representar um estado de espírito do nobre ou representando sua riqueza. Podemos verificar isto no seguinte excerto:

Que cena voluptuosa, essa mascarada! Mas me permitam, primeiramente, falar das salas em que se realizou. Era uma série imperial de sete salões. Na maioria dos palácios, tais séries formam longas perspectivas em linha reta, as portas abrindo-se de par em par, possibilitando a visão de todo o conjunto. Aqui, o caso era diverso, como se devia esperar do gosto bizarro do duque. Os apartamentos estavam dispostos de forma tão irregular que a vista abarcava pouco mais de um por vez. A cada vinte ou trinta metros, havia um cotovelo brusco, proporcionando novas perspectivas. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma alta e estreita janela gótica abria-se para o corredor fechado que acompanhava as sinuosidades do conjunto. Essas janelas estavam providas de vitrais cuja cor variava de acordo com o tom predominante da decoração da sala para a qual davam (POE, 2017, p. 149-150).

As pessoas que adentravam às salas tinham as feições modificadas pelo efeito reluzente do colorido das luzes, especialmente na sala escura. Nesta sala, além da cor, o que a diferenciava era a presença de um relógio de ébano que tocava a cada sessenta minutos, causando suspense: parava todo tipo de conversa e música, fazia todos se sentirem estranhos, embora não soubessem exatamente o motivo. Apesar destas pausas, todos se divertiam muito. Até que uma figura estranha e obscura começou a passear entre os mascarados; esta figura tinha uma magreza diferente, vestia-se com uma mortalha ensanguentada, mas o pior era sua máscara, que se assemelhava a uma verdadeira descrição de um cadáver. O soberbo príncipe ficou muito enraivecido com a presença deste “mascarado” que o afrontava com aquela indumentária, Indignado com estapafúrdia situação, seguiu o mascarado até a última sala, onde este parecia esperá-lo. O príncipe estava certo de que o desmascararia e, cedo da manhã, daria ordens para o seu enforcamento, mas é alcançado por sua própria adaga e cai morto, como veremos a seguir:

O príncipe Próspero cruzou apressadamente as seis salas, sem ninguém a segui-lo: o terror se apodera de todos. Brandindo o punhal, avançava a três ou quatro passos do vulto que já se retirava, quando este, atingindo a extremidade da sala aveludada, virou-se bruscamente e enfrentou seu perseguidor, Neste instante ouviu-se um grito agudo, e o punhal caiu cintilante no tapete negro, sobre o qual tombou também, instantaneamente e ferido de morte, o príncipe Próspero. Recorrendo à selvática coragem do desespero, um grupo de foliões correu para a sala negra e, agarrando o mascarado, cuja alta figura permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, detiveram-se eles, horrorizados, ao descobrir que a mortalha e a máscara mortuária que tão rudemente haviam agarrado não continham nenhuma forma tangível. Só então se reconheceu a presença da Morte Rubra, Viera como um ladrão na noite. E, um a um, caíram os foliões nos ensanguentados salões da orgia, e morreram, conservando a mesma desesperada postura da queda. E a vida do relógio de ébano extinguiu-se simultaneamente com a do último dos foliões. E as chamas dos tripodes

apagaram-se, E a escuridão, a Ruína e a Morte Rubra estenderam seu domínio ilimitado sobre tudo. (POE, 2017, p. 154).

Quando as pessoas viram esta situação, desmascararam, finalmente, este “convidado” atrevido, descobrindo que ele sequer tinha face: era a morte “em carne e osso”. Após a descoberta, todos os que estavam na abadia um morrem, o relógio para de badalar e a chama se apaga. A morte, ao final, mostrou que pode atingir a todos, indistintamente, cobrando seu preço pela arrogância humana. A narrativa critica fortemente a sociedade privilegiada que acredita estar acima de tudo, que vira as costas para a população desfavorecida socialmente e a deixa padecer em total descaso. O narrador provoca uma reflexão clara de que somos todos iguais diante da morte. Ninguém está a salvo.

Atento aos detalhes para a climatização de sua história, o narrador acentua o suspense no ambiente festivo, ao descrever os salões do lugar, com iluminação e decoração singulares, inserindo elementos dramáticos relevantes à construção de um clima de tensão: a decoração, pouca iluminação os vitrais vermelhos, o relógio, cujo som a cada badalar das horas é capaz mesmo de interromper a orquestra que anima os salões, tudo elaborado para oferecer ao leitor o elemento dramático essencial à atmosfera do conto e mais que isso: cada elemento parece associar-se a um sentido metafórico que denota, inclusive, o absurdo da situação, qual seja: uma autoridade monarca refugia-se em regalos de luxo, abandonando seu povo a própria sorte em um momento de tamanha gravidade.

No momento quando o Príncipe vai a um ambiente potencialmente ou teoricamente seguro e leva consigo apenas pessoas que, acredita ele, não seriam acometidas pela peste em disseminação na cidadela, ele demonstra seu desprezo para com a população que adoecia e morria sob sua falta de comando e cuidado. De igual maneira, esses "escolhidos" não recusaram o convite, demonstrando não se importar com o sofrimento e situação de abandono dos outros que não estavam sob a proteção do Príncipe.

Em um sentido metafórico, o texto traz à baila a nossa pequenez em momentos em que é posta à prova a nossa humanidade. A narrativa é, ao fim e ao cabo, um soco no nosso estômago, se atualizarmos a terrível ocorrência para os dias que, desafortunadamente, vivenciamos, especialmente quando constatamos a existência de atitudes e comportamentos que têm prejudicado o combate efetivo aos males causados pela Covid-19, dificultando o enfrentamento de uma crise sanitária que tem ceifado muitas vidas e, de forma mais acentuada, vidas da população mais desfavorecida socialmente.

Dada à densidade interior do conto “A Máscara da Morte Rubra” e as muitas questões subjetivas de que é capaz de suscitar, propomos uma abordagem de leitura que propicie um

espaço de reflexão e construção de efeitos de sentido que privilegiem o olhar dos estudantes, suas experiências de leituras anteriores, pautada sob os estudos de Rouxel (2012), que defendem o processo de leitura como expressão do sujeito leitor, haja vista o favorecimento da construção de sentido do texto literário mediante sua experiência estética.

Uma abordagem metodológica do conto “A Máscara da Morte Rubra”, de Edgar Allan Poe

De acordo com Inácio *et al* (2019, p. 915),

a leitura literária nos possibilita, desde sempre, reflexões e questionamentos acerca de tudo o que envolve o homem. A fim de explorar essa multiplicidade de leituras, é necessária, pois, a mediação do professor que, além de ser um leitor, deve desempenhar um papel relevante no despertar do gosto pela leitura literária. Nesta perspectiva, constitui-se missão de educadores buscar metodologias que guiem sua prática, bem como selecionar textos de qualidade que desenvolvam em seus alunos a capacidade da leitura crítica.

Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe-se a apresentar uma leitura do conto “A Máscara da Morte Rubra”, de Edgar Allan Poe, norteadas por uma proposta de Diário de Leitura. Esse procedimento metodológico possibilita que os leitores reflitam sobre sua ação leitora, assim como sobre aquilo que leem desde a fase inicial da atividade, propiciando ainda o compartilhamento, entre esses leitores, de suas reflexões a respeito de personagens, ideias, acontecimentos, autores, entre outros elementos suscitados durante o processo de leitura.

Neste mesmo sentido, Ramos (2015) afirma que o Diário de leitura configura-se como um gênero textual que requer uma escrita reflexiva, especialmente porque se trata da escrita de um leitor que estabelece um diálogo reflexivo (que reflete sua ação), ao longo da leitura, com texto e autor.

Machado (2005, p.64) pontua, em Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula, que no Diário de leitura

Manifestamos nossa compreensão sobre o que nosso interlocutor nos diz; sintetizamos ou fazemos paráfrases para confirmar nossa compreensão; quando não ouvimos bem, pedimos ao interlocutor que repita o que disse; quando não compreendemos alguma palavra, algum trecho ou o conteúdo global do que é dito, pedimos esclarecimentos, perguntamos; pedimos justificações para uma posição qualquer que nosso interlocutor toma diante de uma questão controversa; expressamos diferentes tipos de reações “racionalistas” diante do que ele nos diz: concordamos, discordamos, avaliamos

se o que diz está de acordo com as normas sociais vigentes, julgamos se está bem exposto etc.; expressamos nossas emoções e julgamentos subjetivos sobre os conteúdos e sobre a forma como são expressos; relacionamos o que é dito com nossas experiências pessoais ou com a de outras pessoas que conhecemos; damos exemplos de situações similares; relacionamos o que nos é dito com livros que já lemos, com músicas que ouvimos, com peças de teatro e filmes a que assistimos etc.

Retomando o pensamento de Machado, Ramos (2015, p. 95) observa que o Diário de leitura, mesmo que tenha um “estilo” privado, em princípio, contém propriedades relativas ao diálogo de forma muito ativa, “configurando-se como um artefato que pode vir a ser um instrumento de reflexão, uma vez que provoca diálogos do leitor consigo mesmo e com o outro”.

Recorremos, por oportuno, a Rouxel (2012), que assim se coloca em relação a abordagens de leitura que buscam o protagonismo do estudante como sujeito no processo de leitura em sala de aula:

É preciso encorajar as abordagens sensíveis das obras, atentar para a recepção dos alunos ou daquilo que eles aceitarão manifestar de sua experiência estética. A dimensão social da leitura escolar pode ser um entrave à palavra dos alunos que são bem conscientes de que se revelam ao falar de suas leituras. A questão ética que se coloca, portanto, encontra em parte sua resposta no fato de que o “eu” que reage às proposições ficcionais da obra é um “eu fictício”, um dos eus possíveis criados pela situação. Mas esse aspecto escapa aos alunos, se levarmos em conta as análises que eles fazem de suas experiências de leitura em suas autobiografias: os alunos consideram que seu “eu” é um dado construído que se revela mais do que se transforma por meio da leitura. (ROUXEL, 2012, p. 281).

Observações de Vieira (1995), em artigo intitulado "Autonomia no jogo da leitura", interessam-nos aqui no sentido de corroborar nossa posição não apenas em relação à relevância da ação efetiva do estudante no processo de leitura, mas ainda porque insere o professor neste jogo, aludindo a seu papel fundamental.

A passagem a seguir é bem ilustrativa neste sentido: O jogador mais experiente é o que joga há mais tempo e conhece um número maior de regras e de jogos. Na sala de aula, certamente, cabe ao professor, que deve ter como principal objetivo fazer com que todos os jogadores, alunos-leitores, conheçam as regras do jogo, os diversos níveis e sejam capazes de jogar sem seu auxílio. Ser o jogador mais experiente significa conhecer as regras, mas não o resultado final: indicar caminhos, propor jogadas, mas não determinar a melhor jogada; ensinar como reconhecer pistas linguísticas e não-linguísticas presentes no texto, mas não jogar sozinho. Jogador mais

experiente, o professor sabe que se aprende sempre com outros jogadores, que trocas devem ser estimuladas e encorajadas. (p.34).

Pensando em abordagens metodológicas a partir dos pressupostos acima referenciados, apresentamos a seguir esta proposta como sugestão de abordagem de leitura em sala de aula do conto “A Máscara da Morte Rubra”, vislumbrando nela a valorização de seus aspectos de subjetividade.

Essa abordagem aplica-se a estudantes Ensino médio, cujo perfil leitor, de maneira geral, aponta para vivências mais abrangentes no que se refere à variedade de gêneros e títulos, por terem seguido um percurso mais extenso de escola. Tais vivências de leitura extensiva, certamente, favorecem uma análise mais profunda de uma obra literária, considerando seus recursos textuais e os campos afetivos com o leitor que colaboram para a construção de sentidos.

Tendo em vista o caráter perturbador que envolve a temática do conto de Poe, especialmente quando se relaciona a um momento de pandemia por que estamos passando atualmente, a exploração da leitura é mais propícia a leitores supostamente mais experientes. É importante destacar que, embora tenhamos escolhido o leitor oriundo do Ensino Médio, os temas abordados na obra em questão não são restritos a um determinado público.

Ainda em se tratando da escolha do conto para esse nível escolar, a Revista Nova Escola, em uma indicação de Como escolher livros literários para alunos do Ensino Médio, inclui Histórias Extraordinárias, de Edgar Allan Poe, com a seguinte afirmação: “O Poe faz uma literatura adulta, mas que atinge os adolescentes. A questão do crime é algo que eles se interessam demais” (FERREIRA, 2015, p.1).

Convém ainda registrar que o Programa Nacional da Biblioteca da Escola – o PNBE – cujo objetivo é o de incentivar a cultura, através da divulgação de obras literárias, de pesquisa e de referência, indicou, em 2011, a obra Histórias Extraordinárias a alunos cursistas do Ensino Médio. Com elementos que agradam os adolescentes, a narrativa de Poe em análise, realizada em circunstância de pandemia e de conflitos envolvendo sociedade civil e poderes do Estado, amplia a expressão dos leitores sobre o texto literário.

Em outras palavras, a representação da peste que subjaz o conto e a atmosfera da doença que nos assombra neste momento favorecem a exploração subjetiva do leitor, que lida com a morte, com perda e dor.

Para fins de sistematização, propomos, a seguir, um percurso a ser considerado ao longo da leitura, através do qual construiremos nosso Diário de leitura, a saber:

1) (Contato inicial sobre o conto).

O título lhe permite saber do que se trata a obra? Para você, a partir do que anuncia o título, o que espera dessa narrativa?

2) (Leituras iniciais) Como você avalia o fluxo narrativo inicial do conto?

Você consegue visualizar mentalmente o narrador? Justifique sua resposta.

3) (Num momento mais adiante)

Pela forma como ele descreve a narrativa, você consegue visualizar mentalmente os personagens? Justifique sua resposta.

4) Em que sentido marcas discursivas e textuais refletem os sentimentos do narrador?

5) (Ao final da leitura)

Após conhecer a matéria narrada, como você avalia a relação entre o narrador/ personagens e a realidade exterior?

6) Nessa mesma perspectiva, como você avalia a relação entre a realidade retratada no conto e a realidade vivida por você em meio à Pandemia da COVID 19?

7) (Ao final da leitura)

Descreva as emoções (alegria, tristeza, raiva, amor, entre outras) que sentiu durante a experiência de sua leitura.

8) Seu horizonte de expectativas mudou? (relate seu olhar como sujeito-leitor). Por fim, não deixe de registrar aquilo que você julgou relevante nesta experiência de Leitura.

Por fim, não deixe de registrar aquilo que você julgou relevante nesta experiência de Leitura. A orientação por parte do mediador da leitura é a de que os registros de sua experiência pessoal devem ser anotados no Diário de Leitura ao fim de cada mediação sugerida nas questões acima apresentadas. Salienta-se, neste momento, que nossa proposta teve em mente o que observa Rangel (2003, p. 02), ao apontar a existência de duas situações

para a construção do Diário de leitura, a saber: fenômeno cognitivo e o fato histórico-cultural, assim, descritos:

No primeiro caso, o foco são as competências e as habilidades implicadas no processo, assim como as estratégias de abordagem e de processamento do texto, umas e outras entendidas como definidoras do leitor como tal. No segundo caso, a preocupação é com o resgate dos significados culturais historicamente atribuídos a certos autores, obras, gêneros, estilos etc., fazendo de cada ato de leitura um exercício coletivo e pessoal de reverência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vincent Jouve (2013) pontua, no artigo "A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas", que "toda leitura tem, como se sabe, uma parte constitutiva de subjetividade". Nessa mesma direção, Langlade (2013, p. 31) observa neste modelo de leitura a promoção da participação do leitor e a valorização das várias experiências vivenciadas pelos estudantes, haja vista se constituir uma 'apropriação da obra pelo leitor', em que ocorre "um ponto de vista subjetivo, produção silenciosa, significação induzida, astúcia do prazer, invenção de memória", tornando cada leitura uma experiência pessoal.

Nessa direção, pontuam Inácio, Formiga e Aguiar (2020, p. 11):

O ponto de vista da leitura subjetiva sinaliza a passagem de um entendimento de leitura literária baseada no texto que coloca o leitor subentendido para um entendimento de leitor real e participativo. Nesse contexto, é importante que a escola dê a importância merecida ao sujeito leitor em toda e qualquer obra.

Esta proposta de abordagem apresenta preocupação com a formação do sujeito leitor e a identificação da sua subjetividade diante da leitura do texto literário, partindo da proposição de discussões acerca de uma abordagem voltadas à percepção subjetiva do leitor, ao que ele enxerga do ponto de vista mais intimista, ao que ele sente quando lê o conto e o ressignifica a partir de sua leitura. Toda essa experiência deverá ser exposta por cada estudante, em momento marcado e organizado especialmente para a conclusão da atividade. É importante que se crie um ambiente de leveza, que promova a espontaneidade de todos os envolvidos na construção da atividade.

Reiteramos que o Diário de leitura aqui proposto concebe-se nos termos apresentados por Rouxel (2012, 2013), como um instrumento capaz de promover a relação entre leitura de

uma obra e de traços de um processo de elaboração identitária do leitor, seja por afirmação ou questionamento. Tal ideia é compartilhada por Duarte, Rocha e Formiga (2020, p. 55-56) ao afirmarem:

Entender a obra literária como resultado da interação texto-leitor não é dispensar as peculiaridades do texto, mas entender que elas se concretizam na presença de um leitor implicado. Como também não é dispensar as particularidades do leitor, suas experiências e informações pré-existentes, mas compreender como tais experiências e informações são convocadas no ato da leitura.

Nesse sentido, consideramos que uma proposta de construção de um Diário de leitura nos moldes acima descritos incentiva, de forma contundente, a imersão dos estudantes na leitura do texto literário, por promover a exposição de sua expressão pessoal e de sua autonomia como sujeito-leitor. Nossa expectativa como formadores de leitores é a de que abordagens como esta potencializem o encontro importante e necessário de estudantes com o texto literário e possibilitem experiências relevantes de Leitura dentro do processo de formação humana dos estudantes. No caso específico do conto “A Máscara da Morte Rubra” trabalhado nessa proposta, esse encontro do leitor com o texto tende a ser potencializado em função do fato de estarmos, todos nós, vivendo um momento de extrema gravidade – uma pandemia – uma tragédia retratada pelo texto ficcional tão primorosamente escrito pelo mestre Allan Poe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Diário de leitura, por se constituir, como afirma Machado (1998 p.08), uma escrita de si para si, compondo a historicização de cada leitor, permite que os sujeitos envolvidos nessa situação de comunicação escolar exponham, confrontem e justifiquem suas mais diversas interpretações e práticas de leitura, assumindo, pois, um papel pedagógico muito importante na formação do sujeito leitor, notadamente em sua formação crítica e reflexiva.

Consideramos, pois, que a mediação por meio de um Diário de leitura, previamente estruturado, pode orientar o leitor no registro de sua interação com o texto literário, estabelecendo relação entre o que se lê e as suas memórias afetivas ou de empatia.

A proposta aqui descrita insere-se na esteira dessa busca, ao apresentar uma prática que dá espaço ao leitor como agente ativo. Através de abordagens de práticas de leitura como a descrita neste trabalho, acreditamos empreender, cada vez mais, processos de formação leitora

que instiguem a autonomia dos estudantes como agentes atuantes no processo de leitura. Investir nessa busca constitui-se um dos nossos grandes desafios como formadores de leitores deste país.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Anna Rachel. Como escolher livros literários para alunos do Ensino Médio? *In Revista nova Escola* [Online], 2015.

GARCÍA, Flavio; COLUCCI, Luciana; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; PHILIPPOV, Renata (Orgs.). **Edgar Allan Poe: efemérides em trama**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

INACIO, F. A.; FORMIGA, G. M.; AGUIAR, H.; CARLOS, K. de S. M.; MEDEIROS, N. R. A. de. **Formação de leitores na Escola: um olhar sobre a abordagem do texto literário**. Anais do III Simpósio de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, 27 a 29 de novembro de 2019, organizadores Silvana Luciene do N. C. Costa ...[et al.]. – João Pessoa: IFPB, 2020.

INÁCIO, F; FORMIGA, G; AGUIAR, H. **Metodologias de abordagem do texto literário em sala de aula: Leitura subjetiva em foco**. XII Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna, Estrangeira e de Literaturas. - Campina Grande: UFCG, 2020.

JOUVE, Vincent. A Leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas, *In Leitura Subjetiva e ensino de literatura*. (Org.) Rouxel, Annie, Langlade e Rezende, Neide Luzia, São Paulo, Alameda, 2013.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. *In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Org.) Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

MACHADO, A. **Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula**. Linha D'Água, n. 18, p. 61-80, 4 dez. 2005. MACHADO, Ana Rachel. O Diário de leituras: a Introdução de um Novo Instrumento na Escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Ana Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. *In: MACHADO, Ana Rachel e colaboradores; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes Linguagem & ABREU-TARDELLI, Lília Santos (Orgs.). Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Posfácio de Joaquim Dolz. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

POE, Edgar Allan. A Máscara da Morte Rubra. *In: POE, Edgar Allan. Histórias Extraordinárias*. Seleção, apresentação e tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia

das Letras, 2017 por Dora Paes (tradução anteriormente publicada pela Editora Cultrix Ltda, 1958).

PERNA, Cristina Lopes; LAITANO, Paloma Esteves. O clássico Edgar Allan Poe. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 7-10, abr./jun. 2009.

RAMOS, Fabiana. O Diário de leituras na formação do aluno-professor. **Revista Prolíngua**. v. 10, n. 3, nov/dez, 2015.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; Rezende, Neide Luzia de. **Leitura Subjetiva e ensino de Literatura**; (Org) Annie Rouxel e Gérard Langlade; coordenação de edição brasileira Neide Luzia Rezende. São Paulo: Alameda, 2013.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura**: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n. 145, p. 272-283, 2012.

VIEIRA, Alice. Autonomia no jogo da leitura. *In Rev Comunicação e Educação*, n. 4. p. 31-34, 1995.